

## RELIGIÃO, GLOBALIZAÇÃO E TERRITÓRIO: OS EFEITOS DO PLURALISMO GLOBAL NO CAMPO RELIGIOSO

SANTOS, Adalcio Machado dos<sup>1</sup>

RU: 1132433

### RESUMO

O objetivo do estudo é identificar pontos de vista sobre a influência da globalização nos indivíduos e na sociedade, como forma de colonização moderna das consciências e os resultados no mundo religioso. Trata-se de uma pesquisa de revisão sistemática da literatura, com intuito de reunir e analisar artigos publicados e disponibilizados nas bibliografias. Quando se adota uma definição de globalização como um processo objetivo de progressiva independência das diferentes sociedades humanas espalhadas pelo planeta, será possível obter teorias que leem esse processo como uma nova forma de dominação de umas sociedades sobre outras, ou, pelo contrário, como ocasião histórica que favorece a libertação de potencialidades individuais e coletivas inesperadas. Podemos inferir que os resultados da globalização apresentam que o mundo religioso é o reflexo do mundo real; a religião não desaparecerá como fruto de uma luta antirreligiosa, mas como efeito da transformação social e do homem.

**Palavras-Chave:** Religião. Globalização. Território. Pluralismo.

### 1 INTRODUÇÃO

Apresenta-se uma análise sobre a interação ocorrida entre o fenômeno religioso, globalização e território, com observação nos efeitos do pluralismo global. Observa-se que há um grande deslocamento de experiências religiosas, tanto subjetiva como também institucionalizada, para outras áreas ou dimensões da vida social dos indivíduos.

Tais mudanças deslocam e redimensionam os lugares e os papéis sociais da religião na sociedade em tempos de globalização. Esse processo de deslocamento e transformação religiosa assume funções em diversos campos, como cultural, econômico, social, abrangendo áreas como comunicação (mídias, internet, revistas

---

<sup>1</sup>Doutor em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pós-Doutor em Gestão do Conhecimento pela UFSC. Docente e Pesquisador nos Programas de Pós-Graduação “Stricto Sensu” em Desenvolvimento e Sociedade e em Educação da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP). Endereço: Rua Prof. Egídio Ferreira, nº 271, Apto. 303. Capoeiras/Florianópolis/SC/Brasil. E-mail: [adelciomachado@gmail.com](mailto:adelciomachado@gmail.com)

e seus seguimentos), esportes, moda e ainda nas crenças, mitos, propondo valores, estilos de vida, fidelidade e devoção às pessoas.

Se for considerada a globalização, sobretudo como a afirmação de uma consciência global, nos indivíduos e nas sociedades do tempo atual, seria possível obter pontos de vista críticos que vislumbrem este processo como uma ulterior forma de colonização moderna das consciências, por outro lado, há a consciência crescente que todas as pessoas têm de fazer parte do mesmo globo e, portanto, partilhar de suas vicissitudes?

Portanto, o artigo tem como objetivo buscar respostas ao seguinte questionamento: identificar pontos de vista sobre a influência da globalização nos indivíduos e na sociedade, como forma de colonização moderna das consciências e seu resultados no mundo religioso.

Os resultados apresentam que o mundo religioso é o reflexo do mundo real; a religião não desaparecerá como fruto de uma luta antirreligiosa, mas como efeito da transformação social.

Portanto, trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório descritivo, utilizando a revisão sistemática da literatura, definiu-se percorrer três etapas: planejamento da pesquisa; condução da busca de dados, conforme os critérios de inclusão e exclusão na pesquisa; extração dos dados nos materiais selecionados para pesquisa.

## **2.1 RELIGIÃO E TERRITÓRIO**

Considera-se a religião como sendo uma das entidades mais antigas da humanidade, sendo que sua existência está ligada a sociedade que há estabelece. Antes de haver uma sociedade laica, a religião determinava completamente a cadência de todas as atribuições dos indivíduos. A crença e a formação religiosa permanecem até hoje na alma da filosofia moral da sociedade.

O estudo da religião é tema constitutivo e fundador da sociologia. Citando alguns dos estudiosos deste tema, apontamos Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber, que se interessavam pelo tema, visando compreender aspectos regidos pelos princípios da vida religiosa e sua influência na sociedade.

Na visão de Weber (1984), a maioria dos indivíduos define religião universal como sendo aquela ligada as crenças, cujo entendimento do mundo preconiza uma

ética na qual o homem escolheria, com maior ou menor grau de autoconsciência, o caminho da sua salvação. Além disso, Weber analisa e compara diversas religiões que existiram e que ainda existem no mundo, reputando o papel de que as crenças religiosas atuam na vida dos indivíduos em sociedade, apresentando ainda, o potencial de que a religião tem de provocar mudanças na ordem social, sejam elas na esfera da economia, da política ou da cultura em geral.

Já Karl Marx (1850), descreve a religião como sendo aquela que causava conflitos e opressão na sociedade. De acordo com a teoria do conflito social, elaborada por Marx, a religião pode fortalecer e promover a desigualdade, assim como a batalha social das classes. A teoria do conflito afirma que a religião ajuda a convencer os pobres a aceitar a sua condição de pobreza passivamente. Além disso, critica a religião por ser motivo de tanta hostilidade e violência entre pessoas e nações.

Já na visão de Durkheim (2007), a religião era vista como um sistema compartilhado de rituais e crenças que define o que é sagrado e o que é profano, e que une uma comunidade de religiosos. Ainda defendia o primado do social, em que “o indivíduo é entendido a partir do social, não o contrário” (MARTELLI, 1995, p. 6).

Oliveira (2011) define que a religião é vista como uma construção social, ou seja, é necessária a sobrevivência do homem que cria incentivos para a sua existência, elaborando leis e outras exigências que passam a compor o código doutrinário religioso.

Destarte, são as religiões que estabelecem as relações entre os homens e as divindades, por meio de um conjunto de cerimoniais e práticas destinados a satisfazer à vontade de divindades ou de invocá-las. Daí elas serem constituídas por uma série de valores sagrados expressos em um credo, objetivados pelos veículos do culto e socializados por uma conduta que se adapta às normas religiosas que unem os membros dentro de um mesmo grupo religioso, como sustenta Sorokin, Zimmermann, Galpin, 1986 (apud Rosa e Ferreira, 2010), vinculando-se diretamente a crenças em potências superiores e controladoras do curso da Natureza e da vida humana.

A respeito do tema, Lesbaupin (2011, p. 15), assim descreve:

É na religião que o homem busca o amparo para suas idiossincrasias. É ela, fruto do próprio homem, que dá sentido aos seus próprios problemas. Ela constitui-se o ópio necessário para suportar a divisão, a miséria real. Nas

situações de agonia vivenciadas pelo homem, há a necessidade de uma ilusão capaz de compensá-la. Esta ilusão o homem encontra na religião.

A religião, afirma Rodrigues (1995, apud FERREIRA, 2001), com efeito, constitui fenômeno social, porquanto sempre se configurou em grupo, ou seja, de uma Igreja e até, na grande generalidade dos casos, Igreja e sociedade política se confundem. Até recentemente, as pessoas eram fiéis a tais divindades simplesmente porque eram cidadãos de tal Estado. Em todo caso, os dogmas e os mitos consistiram em sistemas de crenças comuns a toda uma coletividade e eram obrigatórios para todos os membros dessa coletividade. O mesmo ocorre com os ritos.

Em decorrência dessa constatação, sustenta-se que hoje a Igreja é uma simples instituição política que tem na religião a sua razão de ser, à medida que seus referenciais são comuns aos valores da modernidade, que desencantou o mundo (FERREIRA, 2001).

Ainda citando Ferreira (2001), enfatiza-se que a comunicação de massa usa e é amplamente utilizada pelas grandes religiões institucionalizadas, uma vez que a propagação de seus propósitos é, em última instância, comum. De um lado, os meios de comunicação de massa faturam vultosas somas com o movimento voltado para o consumo do negócio da fé. De outro, essas religiões buscam conquistar e garantir fatias maiores de seu público-alvo, os fiéis consumidores.

Isto demonstra a influência que a religião tem, “não somente como um sistema de ideias [mas] como um sistema de forças” (SANCHIS, 2011, p. 41). Ademais, não se trata de uma mera ideologia, mas sim de ação e influência direta nas relações humanas e sociais. Esta força é traduzida através da coletividade em que a religião comumente se encontra e se caracteriza por meios de objetos que passam a ser sagrados (SANCHIS, 2011).

Assim, independente de instituições ou denominações religiosas, a religião se faz presente nas mais variadas esferas da sociedade, não apenas dando respostas, mas também interpelando. Com isto, a religião continua sendo uma variável considerável nas discussões da sociedade.

Para Geertz (2006, p. 10), “a religião se tornou cada vez mais um objeto flutuante, desprovido de toda ancoragem social em uma tradição fecunda ou em uma instituição estabelecida”.

Nesta linha, vale lembrar que a religião no passado era vista como uma herança trazida pelos pais e imposta pela sociedade, tornando-se ela hoje como uma escolha livre feita pelo homem, diante de suas crenças. Guerriero (2006, p.15), a respeito da movimentação religiosa dispõe:

(...) indica um afrouxamento das fronteiras rígidas de antes. Um indivíduo que tenha optado por uma dessas novas religiosidades passa a dar menos importância aos referentes ancorados na tradição familiar e na herança cultural para se deslocar em busca de novos caminhos, em uma “viagem” interior na qual a salvação encontra-se dentro de si mesmo.

Já na expressão de Prandi (1966, p. 65):

A religião é uma expressão importante de identidade individualizada, de fruição de sentimentos pessoais, de gosto e prazer. Pode ser consumida pela satisfação que é capaz de proporcionar aos indivíduos.

A clara visão geográfica da religião estabelece conexões entre espaço e sua relação com o meio, além de perceber a religião como ponto de ligação entre as culturas globais. A territorialidade, na sua função de estratégia geográfica de controle de pessoas e coisas, amplia muitas vezes o controle sobre espaços, que a religião se estrutura enquanto instituição, criando territórios e seus efeitos na sociedade (RELIGIÃO, 2020).

É imperioso destacar que a religião é um processo praticado entre o Homem e os poderes por ele considerados sobre humanos, no qual se constitui uma dependência ou uma relação de acoplamento, onde a expressão se dá por meio de sentimentos, seja ela apregoada por emoções ou medo, levando em conta a moral defendida por seu interlocutor.

Vale lembrar que o indivíduo desde que nasce, independentemente de sua vontade, tem sua existência disciplinada por grandes variedades de normas sociais, que já se encontram estabelecidas em seu meio social e que lhes são impostas de forma coercitiva.

Destas sobressai-se, pela sua antiguidade, o costume, norma de convivência social, não estabelecida por qualquer autoridade, decorrente da repetição ininterrupta por longo tempo de um ato ou de uma conduta, garantido pela tradição e pelas sanções sociais. É, pois a norma usual, repetida durante muito tempo em um

espaço sociocultural, considerada obrigatória. Compreendem preceitos jurídicos, morais, religiosos, regras de etiqueta, de decoro e de cerimonial (GUSMÃO, 1967).

Nas sociedades organizadas, a religião é uma das estruturas institucionais importantes que constituem o sistema social total. Uma função não explícita das organizações religiosas refere-se à promoção da sociabilidade. Por intermédio do culto, atividades educacionais e celebrações especiais às igrejas promovem a reunião das pessoas. Estas encontram companheirismo, recreação, além de facilitarem o encontro de casais e a formação de lideranças.

Em suma, as instituições religiosas promovem a sociabilidade, fortalecem a coesão social e aumentam a solidariedade grupal (DIAS, 2000).

Uma das funções tradicionais da religião, de acordo com alguns peritos da sociologia, a religião é a do ajustamento social (BOLAN, 1972).

A religião, na atualidade, não se estende necessariamente a todos os grupos sociais. Pode ter uma função de ajustamento social, somente para as pessoas que a interiorizam e dela fazem um sucedâneo para as deficiências do relacionamento humano. Isto se aplica especialmente às sociedades dominadas pela técnica.

Nesse ponto, a religião surge como a salvadora da interioridade dos humanos, das suas relações primárias, intersubjetivas e, principalmente, serve para prever a crescente busca de uma ideologia, isto é, de um sistema de valores. Para Bolan (1972), isso se explica pelo fato de a sociedade técnica ser eminentemente funcional e desconhecer os valores.

No que diz respeito à religião, busca-se apoio em O'Dea (1969) quando afirma que nas sociedades organizadas, a religião é uma das estruturas institucionais mais importantes que constituem o sistema social total. No entanto, a religião é diferente de governo e do direito, que se interessam pela distribuição e pela limitação do poder. É diferente das instituições econômicas, que se interessa por trabalho, produção e troca. Também é diferente da instituição da família, que regula e padroniza as relações entre os sexos, entre gerações, e entre os que se ligam por consanguinidade e afinidade.

O interesse central da religião parece referir-se a algo relativamente vago e intangível, cuja realidade empírica está longe de ser clara. Refere-se ao "além", à relação do homem com esse "além" e sua atitude diante deste, e ao que os homens consideram as consequências práticas do "além" para a vida humana. Refere-se a algo que transcende a experiência.

No ponto da territorialidade, analisando o mundo globalizado atual, nota-se que a religião não abrange apenas um ou dois territórios ditos como seus, tendo em vista que não existem territórios específicos, nacionais, rígidos, imutáveis onde a religião ou a religiosidade é manifestada em sentido estrito. Até porque, o mundo globalizado acaba por inspirar o fenômeno religioso, e este se utiliza da globalização em seu benefício.

Ademais, quando discutimos territorialidade, vale lembrar que ela implica lançar o olhar para as diversas formas como os indivíduos compreendem e se relacionam com o sagrado, com o sobrenatural.

Além disso, é imperioso compreender as representações simbólicas que tornam comunicáveis os muitos sentidos religiosos vividos pelas comunidades, pois muitos desses símbolos que se expressão nas tradições religiosas tem um poderoso instrumento de preservação da identidade e de resistência diante dos conflitos territoriais.

Como bem definiu Souza (2000), território pode ser entendido como um espaço determinado e delimitado a partir de relações de poder, sendo eles construídos nas diferentes escalas espaço-temporais.

Partindo da premissa, Rosendahl (1996) discorre que a territorialidade se relaciona a um conjunto de práticas aplicadas por indivíduos ou suas representações no sentido de controlar um determinado território.

Nas palavras de Haesbaert (2004), a territorialidade é voltada para as questões de ordem simbólico cultural, o que tem se tornado um pré-requisito fundamental quando se investiga a dimensão espacial de um fenômeno religioso.

Além disso, Haesbaert (2006) descreve que o território é construído no jogo funcional entre o material e o imaterial, ele é derivado do espaço delimitado por um dado grupo social que nele estabelece relações políticas de controle ou relações afetivas, identitária de pertencimento.

Neste sentido, é válido ter uma posição mais acentuada sobre a visão geográfica da religião, tendo em vista a sua ligação entre espaço e sua relação com o meio, além de perceber a religião como ponto de ligação entre as culturas globais e que essa está associada tanto a função social, como também simbólica.

## **2.2 EFEITOS DO PLURALISMO GLOBAL NO CAMPO RELIGIOSO**

As sociedades atuais, em especial, as ocidentais, convivem com uma grande diversidade de crenças, onde é possível encontrar, no mesmo espaço público, indivíduos com posicionamento religioso diverso, entre eles, católicos, evangélicos, muçulmanos, budistas, ateus, agnósticos, entre outros.

No campo religioso, muitas são as questões suscitadas, levando em conta as novas maneiras utilizadas pelas religiões atuais, sendo elas cada vez mais pluralizadas, com o objetivo de chegar a uma mundialização, independentemente das fronteiras territoriais, das diferenças étnicas ou linguísticas.

O pluralismo pode ser caracterizado como a posição em face da diversidade que defende que não há problemas lógicos e/ou epistemológicos em se postular crenças diversas sobre um mesmo assunto. Além disso, ele pode ser visto como uma democratização do campo religioso, graças à existência da diversidade religiosa e à reivindicação da liberdade religiosa.

A difusão mundial obtida pelas religiões surge naturalmente, a evidenciar uma tendência muito visivelmente prematura na história da humanidade, a de que ocorram ações culturais entre sociedades distintas, tornando-se cada vez mais intenso, a partir do momento em que começam a surgir as grandes civilizações.

A respeito do tema, Velho (2001, p.107) aponta que (...) “não é por outra razão que os processos de difusão de religiões “mundiais” como o judaísmo, o cristianismo, o islamismo e o budismo ilustram exuberantemente as lógicas da globalização”.

Nesta esfera, vale acrescentar as palavras de Giddens (1997, p.73), que assim descreve:

Até uma época relativamente recente, grande parte do mundo permaneceu em um estado quase segmentário, em que ainda persistiam numerosos grandes enclaves do tradicionalismo. Nessas áreas e também em algumas regiões e contextos dos países industrialmente desenvolvidos, a comunidade local continuou a ser forte. Nas últimas décadas, particularmente influenciado pelo desenvolvimento da comunicação eletrônica global instantânea, estas circunstâncias se alteraram de maneira radical. Um mundo em que ninguém é ‘forasteiro’, é um mundo em que as tradições preexistentes não podem evitar o contato, não somente com os outros, mas também com muitos modos de vida alternativos. Justamente por isso, é um mundo em que o ‘outro’ não pode mais ser tratado como inerte. A questão não é somente que o outro responda, mas que a interrogação mútua seja possível.



Se for considerada a globalização, sobretudo, como a afirmação de uma consciência global nos indivíduos e nas sociedades do tempo atual, seria possível obter pontos de vista críticos que veem este processo como uma ulterior forma de colonização moderna das consciências, por outro lado, há a consciência crescente que todas as pessoas têm de fazer parte do mesmo globo e, portanto, partilhar de suas vicissitudes.

Em ambos os casos, não se escapa do risco de preconceito ou de ideologia. O mundo, de fato, é uma abstração conceitual para descrever um modelo sistêmico de relação entre sociedades diferentes, um modelo capaz de superar tanto a tradicional visão marxista da relação centro-periferia ou da polarização dialética entre Ocidente capitalista rico e Terceiro e Quarto Mundo pobres em vias de desenvolvimento.

A respeito do diferencialismo disseminante, Pierucci (1999, p. 142-143) assim descreve:

O estado atual é de pluralização radical. Hoje tem muita gente tentando pensar a ação simultânea, divergente e desigual das diferenças coletivas se cruzando, se recruzando, se entrecruzando, novas diferenças sendo interpeladas à existência política no discurso dos movimentos, querendo ser discursivamente representadas na sua pretensão de reconhecimento público, demandando, portanto, existência política, cidadania, alteridades outras se sobrepondo umas às outras, para reforço ou achatamento de antigas identificações, todo um carnaval de diferenças encavalando-se e penetrando-se mutuamente num mesmo sujeito individual [...]: intersecções. Intersecções num mesmo indivíduo de pertencimentos múltiplos, múltiplas lealdades, múltiplas posições ou “posicionalidades”, múltiplas identificações e identidades grupais, múltiplos “reposicionamentos” além do mais. E a identidade individual, não seria múltipla também ela? Não será? Não seremos, nós outros, identidades múltiplas em subjetividades múltiplas?

Há ainda quem leia o fim do comunismo – que caiu simbolicamente sobre os escombros do Muro de Berlim em 1989 – como o advento de uma sociedade mundial que se coloca nas mãos, de forma cada vez mais difundida, no paradigma da economia de mercado e confia em um modelo de organização política que se aproxime gradualmente da democracia do tipo liberal, e há quem, ao contrário, como acontece em grupos, por exemplo, em grupos minoritários dos países da América Latina, sustente que a difusão da ideologia de mercado desde o centro dos países economicamente mais fortes e ricos do Ocidente em direção ao resto do mundo, incluídas as sociedades que, ou por eleições políticas próprias ou porque marcadas até pouco tempo atrás pelos mecanismos de dependência colonial, constitui a essência verdadeira do que se costuma chamar de globalização.

A globalização pode favorecer “a perda de memória” e, por conseguinte de identidade, assim como a reinvenção ou a invenção de uma tradução ou de um repertório de gestos “a recordar”. Assumindo o ponto de vista do indivíduo moderno, o eu para as instituições religiosas acaba por tornar-se um problema, para este, no entanto, pode constituir uma procura de emoções e de sentido para além dos limites tradicionais que separam as diferentes religiões.

Assim, conforme expressa Hall (2005), o indivíduo encontra-se descentrado e para o autor, tudo isso é fruto da globalização. A globalização é o fenômeno que se infiltra nas sociedades e, através de um discurso global, transforma as culturas locais e, conseqüentemente, suas identidades.

Já Magalhães (2008) defende um fortalecimento da estrutura local, através de um espaço de cidadania, de modo que o Estado encontre uma maneira de estruturar frente aos acontecimentos mundiais, principalmente com relação aos efeitos da globalização.

A globalização, acompanhada da recente revolução das tecnologias da informação que promovem a diminuição das distâncias geográficas, influência de forma decisiva o mercado de trabalho modificando as relações de produção. Assim, esse novo modelo altera o status do indivíduo por meio dos grupos religiosos que convive, lançando a religião num contexto globalizado, com mudanças significativas na sociedade.

A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular corresponde outra produção, qualificada de ‘consumo’: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante.” (De CERTEAU, 2012, p.39)

Se a globalização for concebida como uma tendência dos homens a ultrapassar seus domínios territoriais, no intento de estabelecer novos canais de interlocução humana, a globalização é decorrente de um movimento muito antigo. Seguindo esta acepção, ela é o resultado do comportamento do homem em conquistar outras fronteiras, ou seja, ela vem ocorrendo há várias décadas.

Ademais, as religiões tanto sofrem os efeitos como têm sido fatores importantes no processo de globalização, tendo em vista que ela pode estar exercendo um papel diferenciado entre os diversos continentes, estando estes

abalizados pela secularização. Neste viés, Lemos(2002, p. 18), aponta que “as novas tecnologias se tornam vetores de novas formas de agregação social”.

É neste contexto que, o homem ao ser inserido no processo da pós-modernidade, com o avanço tecnológico em evidência, é relevante que a religião se constitui como um fiel específico, fazendo dela um canal de comunicação, com mudanças significativas nas relações interpessoais, provocando de certa forma, a fragmentação de locais de sociabilidade.

Assim, a globalização é entendida como um processo mundial de internacionalização econômica com forte impacto sociocultural. Em outras palavras, a globalização é vista como um processo objetivo de progressiva independência das diferentes sociedades humanas espalhadas pelo planeta, ou seja, há teorias que leem esse processo como uma nova forma de dominação de umas sociedades sobre as outras.

Ao invés disso, se consideramos a globalização, sobretudo como a afirmação de uma consciência global, planetária, nos indivíduos e nas sociedades do nosso tempo, portanto, como um processo subjetivo, poderíamos obter pontos de vista críticos que veem este processo como uma ulterior forma de colonização moderna das consciências, homologadas pelos modelos das sociedades dominantes no mundo.

Assim como métodos que, ao contrário, assinalam, na consciência crescente que todos nós temos que fazer parte do mesmo globo e, portanto, temos que partilhar totalmente suas vicissitudes (ecológicas, históricas, políticas, econômicas, religiosas e éticas). O emergir de uma sociedade civil planetária, um novo lugar da crítica e nova frente de libertação dos fartes poderes multinacionais e ordenamentos estatais que ainda pretendem ditar a lei no mundo (Pace, 1994; Zolberg, 1983).

As religiões globalizadas, ou as *world-religion* tendem, então, a deixar em segundo plano no cenário das comunicações de massa suas grandes construções filosóficas ou escatológicas, valorizando em primeiro lugar um discurso “humano” (humano demais, diria o filósofo alemão Nietzsche), seja no sentido de que tende a dirigir-se a um público mais amplo do que o dos crentes ou dos fiéis mais fiéis, seja dos conteúdos prediletos: os direitos humanos, a salvaguarda da criação para estar em sintonia com as questões escatológicas.

Pode-se dizer que agindo desta forma, as grandes religiões se globalizam da mesma forma que o espírito do capitalismo tornou-se mundial. As religiões, às

vezes, tentam opor-se a esse espírito; outras vezes, sem preconceitos em demasia, terminam por destilar seus humores mais puros e fortes para lançar-se com impulsiva determinação ao livre mercado das “fés”.

Hoje em dia, as religiões tornaram-se capazes de sustentar e oferecer recursos simbólicos ao espírito empreendedor e desenvolvimentista próprio do capitalismo: países de tradição hindu, budista e inclusive islâmica (como no caso de alguns “tigres” do Extremo Oriente: Malásia e Indonésia) têm dado forma ao espírito do capitalismo, impondo-se um ritmo de racionalização da vida econômica e social, uma disciplina difusa que encontrou nas ascetes praticadas nestas religiões um poderoso multiplicador de energias humanas. Há, em todos estes casos, uma mobilização religiosa no mercado que parece dar razão às análises apocalípticas de Assmann (RIBEIRO, 2010).

Assim, um espírito mundial, certamente não santo, obriga grandes religiões a fazer pactos com o mundo. A globalização derruba barreiras, destrói territórios, e deste modo, termina por se tornar uma condição que favorece um efeito da secularização: a subjetivação dos sistemas de crença e a dificuldade, por parte das instituições que ostentam certo capital de autoridade e de tradição na história, para regular, dentro de limites interespaciais seguros estáveis, seus sistemas de crenças de repercussão geográfica.

Desta feita, a religião pode ser vista como inspiração cultural, como fonte de valores e quadros de referência que entram na construção das identidades e da percepção das unidades no campo da interação global.

### **2.3 METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa de revisão sistemática da literatura, com intuito de reunir e analisar artigos publicados e disponibilizados nas bibliografias, concedendo visão ampla sobre religião, globalização e território e os efeitos do pluralismo global no campo religioso.

Para condução da pesquisa, percorreram-se seis etapas: elaboração da pergunta de pesquisa; levantamento dos estudos primários; extração dos dados encontrados; avaliação dos estudos; análise e síntese dos resultados. Com relação aos tipos de pesquisa, será utilizada a pesquisa qualitativa, que tem o objetivo de coletar informações, não buscando apenas medir um tema, mas descrevê-lo,

usando impressões, opiniões e pontos de vista.

Dessa maneira o estudo tem como questão norteadora: Se for considerada a globalização, sobretudo como a afirmação de uma consciência global, nos indivíduos e nas sociedades do tempo atual, seria possível obter pontos de vista críticos que veem este processo como uma ulterior forma de colonização moderna das consciências, por outro lado, há a consciência crescente que todas as pessoas têm de fazer parte do mesmo globo e, portanto, partilhar de suas vicissitudes?

Definiu-se como critérios de inclusão: artigos originais e na íntegra, publicados a partir de 2010 até 2019, escritos na língua Portuguesa, Inglesa e Espanhola, disponibilizados gratuitamente nas bases eletrônicas Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e *Scientific Electronic Library Online* (ScieLO), com conteúdo sobre religião, globalização e território, e os efeitos do pluralismo global no campo religioso. Utilizaram-se as palavras-chaves: Religião; Globalização; Território; Pluralismo.

Os critérios de exclusão são os materiais acadêmicos publicados nas bases eletrônicas que não atendiam aos critérios de inclusão.

Após levantamento dos estudos, o pesquisador fará leitura do título e resumo, já podendo fazer descarte dos que não se enquadram nos critérios de exclusão. O próximo passo é a leitura dos textos publicados na íntegra nas bases de dados, selecionando os estudos elegíveis para responder a especificidade da pesquisa e descartar os estudos inelegíveis para o estudo.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Globalização pode ser entendida como um processo de reorganização mundial, que vem ao longo dos anos transformando a economia dos Estados, e que compreende as estruturas econômicas, políticas, culturais e sociais. Destarte, analisando a globalização como um processo que traz mudanças, há que se considerar que tais mudanças não têm necessariamente somente reflexos positivos, mas também uma série de consequências negativas para a sociedade mundial, como o agravamento de problemas sociais.

No entanto, estes fatores concernentes à globalização não conseguem impedir o andamento deste processo, que para alguns é irreversível e irresistível, ocasionando o surgimento de movimentos de ordem religiosa, cultural, social e

econômica, debilitando o Estado-Nação. Desta forma, os países passam a assinar acordos, tratados internacionais, que estabelecem princípios normativos superiores, submetendo aqueles que subscrevem a cumpri-los de qualquer maneira, levando-os, em algumas situações, a uma perda da soberania nacional e da autonomia dos Estados Nacionais (CHAVES, 2006).

Nesse contexto, as religiões se acomodam aos efeitos da globalização e tendem a deixar em segundo plano no cenário das comunicações de massa suas grandes construções filosóficas ou escatológicas, valorizando em primeiro lugar um discurso humano, seja no sentido de que tende a dirigir-se a um público mais amplo do que os crentes ou dos fiéis mais fiéis, seja dos conteúdos prediletos: os direitos humanos, a paz, a salvaguarda da criação para estar em sintonia com as questões ecológicas.

Falar dos problemas da espécie humana significa, para as religiões, obrigarse a ajustarem-se, em tempos de interdependência mundial, aos problemas que imediatamente se colocam como globais. A globalização termina por se tornar uma condição que favorece um efeito de secularização: a subjetivação dos sistemas de crença e a dificuldade, por parte das instituições que ostentam certo capital de autoridade e de tradição na história, para regular, dentro de limites seguros e estáveis, seus sistemas de crença.

Por fim, podemos inferir que os resultados da globalização apresentam que o mundo religioso é o reflexo do mundo real; a religião não desaparecerá como fruto de uma luta antirreligiosa, mas como efeito da transformação social e do homem.

## REFERÊNCIAS

BOLAN, V. **Sociologia da secularização**. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

CHAVES, H. L. A. **Globalização e ideologia**: uma análise sobre a dimensão ideológica do processo de globalização. Tese [Doutorado em Sociologia] - Programa de Pós Graduação em Sociologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

DIAS, R. **Fundamentos de sociologia geral**. 6. ed. São Paulo: Alínea, 2015.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. Tradução: Paulo Neves. 3. ed.

São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GEERTZ, C. O futuro das religiões. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Caderno +Mais!, p. 10, 14 maio 2006. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1405200614.htm>. Acesso em: 20 mar. 2020.

GIDDENS, A. A vida em uma sociedade pós-tradicional. *In*: BECK U.; GIDDENS, A.; LASH, S. (orgs.). **Modernidade reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Ed. Unesp, 1997. p.73.

GUERRIERO, S. A. visibilidade das novas religiões no Brasil. *In*: SOUZA, B. M.; MARTINO, L. M. S. **Sociologia da religião e da mudança social**. São Paulo: Paulus, 2004.

GUSMÃO, P. D. **Manual de sociologia**. São Paulo: Forense, 1967.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LESBAUPIN, I. Marxismo e religião. *In*: TEIXEIRA, F. (org.). **Sociologia da Religião: enfoques teóricos**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 13-35.

MAGALHÃES, J. L. Q. **Direito constitucional: curso de direitos fundamentais**. 3. ed. São Paulo: Método, 2008.

MARTELLI, S. **A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização**. Tradução: Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 1995.

MAX, K.; ENGELS, F. “**Compte rendu livre de G. F. Daumer, 'La religion de l'ère nouvelle...'**”, 1850, SR.

O'DEA, T. F. **Sociologia da Religião**. Tradução: Dante Moreira Leite. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1969.

OLIVEIRA, P. R. A teoria do trabalho religioso em Pierre Bourdieu. *In*: TEIXEIRA, F. **Sociologia da Religião: enfoques teóricos**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

PACE, E. **O estado nascente de uma sociedade civil planetária**. *In*: Uma nova modalidade para um futuro de paz. Edição Cultural da Paz, Fiesole, 1994.

PIERUCCI, A. F. **Ciladas da diferença**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

PRANDI, R. **Herdeiras do axé: sociologia das religiões afro-brasileiras**. São Paulo: Hucitec, 1996.

RELIGIÃO, território, globalização. **Brasil Escola**, Goiânia, 2020. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/religiao/religiao-territorio-globalizacao.htm>. Acesso em: 20 fev. 2020.

RIBEIRO, C. O. Teologia é no plural Hugo Asmann e a teologia latino-americana da libertação. **Estudos de Religião**, São Paulo, v. 24, n. 38, 2010. p. 92-100. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/1984/2027>. Acesso: 20 maio 2010.

ROSA, L. R.; FERREIRA, D. A. O. As categorias rurais, urbano, campo, cidade: a perspectiva de um continuum. *In*: SPOSITO, M. E. B.; WHITACKER, A. M. (orgs.). **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

ROSENDAHL, Z. **Espaço e Religião: uma abordagem geográfica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. URJ, 1996.

SANCHIS, P. A contribuição de Émile Durkheim. *In*: TEIXEIRA, F. (org.). **Sociologia da religião: enfoques teóricos**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 36-66.

SOUZA, M. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. *In*: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORREA, R. L. **Geografia: Conceitos e Temas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

VELHO, O. Globalização: objeto, perspectiva, horizonte. *In*: MENDES, C.; SOARES, L.E. (orgs.). **Pluralismo cultural, identidade e globalização**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 103-111.

WEBER, M. **Economia y sociedade**. 2. ed. México: Fónido de Cultura Económica, 1984.

ZOLBERG, E. **Geopolítica e geocultura**. Universidade de Cambridge: Cambridge, 1983.